



**O ENTE E A ESSÊNCIA COMO NOÇÕES NECESSÁRIAS  
PARA A ATIVIDADE INTELECTIVA:  
o princípio da inteligibilidade e a finalidade do conhecimento**

**THE BEING AND THE ESSENCE AS NECESSARY NOTIONS FOR  
INTELLECTUAL ACTIVITY:  
the principle of intelligibility and the finality of knowledge**

Miguel Soares dos Reis<sup>1</sup>.

**Resumo:** Na obra *De Ente et Essentia*, Tomás de Aquino afirmou que o ente e a essência são as primeiras noções a serem concebidos pelo intelecto, por isso a compreensão dessas duas estruturas essencial para entender a epistemologia tomista, que por inspiração aristotélica assume um caminho vertical. O presente artigo busca, a partir da obra do Doutor Angélico, apresentar uma reflexão sobre essas noções necessárias para atividade intelectual humana, que têm o ente como princípio da inteligibilidade e a essência como finalidade e limite do conhecimento. O ser humano é uma criatura que possui a potencialidade de conhecer, porém dado à limitação da criatura, a atualização completa das potencialidades humanas se dá apenas no conhecimento da Perfeição das Perfeições.

**Palavras-chave:** Ente. Essência. Conhecimento. Princípio. Finalidade.

**Abstract:** In *De Ente et Essentia*, Thomas Aquinas stated that the entity and essence are the first notions to be conceived by the intellect, hence the understanding of these two essential structures for understanding Thomistic epistemology, which by Aristotelian inspiration takes a vertical path. This article seeks, from the work of the Angelic Doctor, to present a reflection on these notions necessary for human intellectual activity, which have the entity as principle of intelligibility and the essence as purpose and limit of knowledge. The human being is a creature that possesses the potentiality of knowing, but given the limitation of the creature, the complete actualization of human potentialities occurs only in the knowledge of the Perfection of the Perfections.

**Keywords:** Being. Essence. Knowledge. Principle. Finality.

---

<sup>1</sup> Discente do V período do Curso Diocesano de Bacharelado em Filosofia do Instituto Filosófico São José, Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, da Diocese da Campanha, Minas Gerais.

ORCID: 0000-0001-5301-9168. Currículo Lattes: 2306867310677521.

E-mail: miguel.s.reis@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O opúsculo *De Ente et Essentia* foi escrito por Tomás de Aquino<sup>2</sup>, entre os anos de 1252 e 1256, ainda na juventude do filósofo, quando foi assistente e aluno de Alberto Magno e dedicava-se a ler, como também comentar o livro das Sentenças de Pedro Lombardo. O conteúdo da obra é profundo e importante para a iniciação à ciência metafísica, uma vez que apresenta as diretrizes fundamentais da ciência primeira, auxiliando os alunos na aprendizagem deste nobre saber. Tomás disserta sobre aquilo que o intelecto concebe por primeiro, que são: o ente e a essência.

“Um pequeno erro no princípio é grande no fim” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 17). A filosofia desde o início se preocupou com o princípio nos diversos âmbitos, sobretudo no que diz respeito à constituição da realidade. Tomás iniciou este escrito refletindo sobre a importância de compreender o ente e a essência como princípios. Nesse sentido, recordando Aristóteles, vale ressaltar que a “sabedoria é o conhecimento de certos princípios e causas” (*Metafísica* A I 982 a1)<sup>3</sup>.

Compreender o ente é fundamental para o entendimento da Filosofia Primeira, pois é o núcleo e ponto de partida das discussões metafísicas, as quais buscam, a partir dele, alcançar a essência<sup>4</sup> das coisas. Deve-se, portanto, de forma propedêutica à metafísica, conhecer com profundidade a natureza do ente e sua relação com a atividade intelectual humana, a qual caminha em busca do conhecimento da essencialidade das coisas.

O Doutor Angélico dedicou-se em definir o ente e, posteriormente a essência, para que ficasse claro a relação lógica e ontológica dessas duas estruturas, as quais constituem necessariamente toda a realidade. No prólogo da obra o autor já evidencia o seu método fenomenológico, que busca investigar das substâncias compostas às substâncias simples, estas que são as mais puras e nobres<sup>5</sup>.

Ao colocar o ente e a essência como fundamentais para a inteligibilidade da realidade e do conhecimento, percebe-se que eles não só são o início, mas também o fim do conhecimento

---

<sup>2</sup> “Tomás de Aquino [1225-1274], filósofo e teólogo italiano, escreveu diversas obras como *Sermões, Respostas a cartas, Pareceres, Opúsculos, Sumas, Questões Disputadas e Comentários à Escritura, a teólogos e filósofos*. Em filosofia, ficou conhecido especialmente como *Comentador de Aristóteles*, filósofo grego de Estagira [374-322 a.C]. Com uma metodologia original, ordenada, comparativa, analítica, crítica e elucidativa, coerente, conectada ao sentido, significado e referência dos termos do texto, os seus comentários puderam ganhar status para a além da Escolástica, perdurando do Renascimento aos nossos dias” (FAITAININ; VEIGA *in* AQUINO, 2016, p.11).

<sup>3</sup> ARISTÓTELES, 2012, p. 44.

<sup>4</sup> Segundo Alvira (2014) a essência é aquilo pelo qual uma coisa é o que é.

<sup>5</sup> Cf. *De Ente et Essentia* §2.

humano. Entretanto, o ser humano não possui capacidade intelectual para conhecer as essências separadas da matéria, dado que o seu processo intelectual necessariamente inicia e depende da sensibilidade para atingir o *quid sit res* (o que é a coisa), todavia dá-se destaque ao caso específico de Deus, a sublime substância, que só pode conhecida pelos seus efeitos. Para melhor entender o funcionamento da capacidade cognoscível do homem, é preciso considerar as particularidades dessas estruturas e suas implicações, as quais são epistemológicas, metafísicas e ontológicas.

## 2 O ENTE COMO PRINCÍPIO DE INTELIGIBILIDADE E NÚCLEO DA METAFÍSICA

A metafísica é a ciência na qual “nós buscamos os princípios do ‘ente enquanto ente’”. Logo, o ente é o sujeito desta ciência, porque qualquer ciência investiga as causas próprias de seu sujeito” (TOMÁS DE AQUINO. In *Met.* IV, lect. 1, n. 5)<sup>6</sup>. É por esse motivo que Tomás de Aquino dedica grande parte de sua reflexão metafísica ao ente e sua natureza, haja vista que o tema foi objeto de discussão e meditação do filósofo medieval desde sua juventude, considerando o opúsculo *De Ente et Essentia* que é atribuído ao florescer dos primeiros anos da vida intelectual do autor. Tomás procurou esclarecer aos seus colegas a importância e a necessidade da compreensão correta do objeto de estudo da metafísica.

O Doutor Angélico iniciou sua obra afirmando, como Aristóteles<sup>7</sup>, que “um pequeno erro no princípio é grande no fim” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 17), tendo a intenção de expressar para o leitor a necessidade de compreensão correta do objeto estudo da metafísica, uma vez que o ente<sup>8</sup> e a essência são os primeiros a serem concebidos no intelecto. Todo conhecimento humano se apoia na apreensão do ser, por isso Tomás fala de um modo de errar chamado ignorância – que é um erro típico, visto que é um erro por desconhecimento. O erro

---

6

<sup>7</sup> Cf. *Do céu e do mundo* (I, 5, 271b, 8-13).

<sup>8</sup> “Ente é ‘o que é’ (*id quod est*). Não é possível dar uma definição estrita do ente, porque definir uma realidade dentro de um conceito mais amplo (seu gênero); por exemplo, quando dizemos que automóvel é um tipo de veículo com motor, para poucas pessoas, etc. Ao contrário, ente é o conceito que cobre todo gênero de realidades, de modo que já não se pode enquadrá-lo em uma noção mais universal. A título de descrição, pode-se indicar o significado de ente como ‘o que é’, ‘o que existe’, ‘o que é real’, e assim são entes um homem, um pássaro, um avião. Entretanto, este termo não expressa exatamente o mesmo que ‘coisa’, uma vez que procede do verbo *ser* e designa as coisas enquanto *são*; assim como vivente é o que vive, cantante aquele que executa o canto, o corredor aquele que corre” (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO 2014, p.35). Segundo Tomás de Alvira, não é possível dar uma definição estrita do ente, porém neste artigo buscaremos apresentar a interpretação que Santo Tomás tem do objeto da metafísica.

na compreensão ontológica deve ser evitado, pois mesmo que ele seja pequeno, será grande depois no âmbito das outras compreensões.

“Os entes são compostos por dois princípios constitutivos: o ser (existência) e a essência” (ROSSET; FRANGIOTT, 2012, p. 22). Aristóteles na *Metafísica*<sup>9</sup>, afirmou que o ente pode ser concebido de dois modos: primeiro, sendo concebido com referência à essência, a qual está presente na realidade<sup>10</sup> por meio das categorias; o segundo modo, está presente na verdade das proposições, não derivando da essência, mas da atividade intelectual. Para esclarecer a diferença entre eles, o Doutor Angélico explicou:

A diferença destes é que, do segundo modo, pode ser dito tudo aquilo do qual pode ser formada uma proposição afirmativa, ainda que aquilo nada ponha na coisa; modo pelo qual as privações e negações são ditas entes, pois dizemos que a afirmação é oposta à negação e que a cegueira está no olho. Mas, do primeiro modo, não pode ser dito ente senão aquilo que põe algo na coisa. Donde a cegueira e similares não serem entes do primeiro modo. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 19).

Portanto, é possível perceber que o primeiro modo de ente, aquele que é (*id quod est*), possui uma total abrangência na realidade, da qual o ser humano abstrai as *species*<sup>11</sup> para o processo cognitivo, haja vista que neste aspecto o ente é dito de muitos modos, como disse Aristóteles<sup>12</sup>. Por isso, Tomás de Aquino atribuiu ao primeiro modo de ente àquele que se põe algo na coisa, pois diz-se de muitos modos e apresenta-se de diversas maneiras na realidade.

Ora, todo ente se diz em relação ao uno primeiro. Ora, esse primeiro não é fim ou [causa] eficiente, como os exemplos anteriores, mas sujeito. Algumas coisas, porém, são ditas ‘ente’ ou ‘ser’, porque têm o ‘ser por si’, como substância, que primeiro e principalmente é dita ‘ente’. (TOMÁS DE AQUINO. In *Met.* IV, lect. 1, n. 11)<sup>13</sup>.

Podem existir diversos entes, com diferenças nos acidentes<sup>14</sup>, o que confere a cada um sua particularidade específica na realidade, como o cachorro não é igual a planta, mas todos

---

<sup>9</sup> Cf. *Met.* Δ 1017a, 22.

<sup>10</sup> Realidade entendida no âmbito da existência.

<sup>11</sup> A *species* inteligível é uma similitude da coisa. Cf. *S. Th.*, I, q. 85, a.2.

<sup>12</sup> Cf. *Met.* Γ 1 1003a. 25 – 1003b. 10.

<sup>13</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 338.

<sup>14</sup> “Acidente significa aquilo que se vincula a alguma coisa e pode ser verdadeiramente afirmado, mas isto nem necessária nem usualmente, como, por exemplo, quando estivesse alguém cavando um buraco para uma planta, encontrasse um tesouro. A descoberta do tesouro seria um acidente para aquele que estivesse cavando o buraco, visto que uma coisa não é uma consequência ou sequência necessária da outra e, tampouco, não se costuma encontrar um tesouro quando se planta” (*Met.* Δ XXX 1025a 14 -19).

fazem referência a substância (*ser*)<sup>15</sup>. Deste modo, “a noção de ente é análoga, quer dizer, se predica de todas as coisas em um sentido em parte igual e em parte diferente” (ALVIRA; CLARAVELL; MELENDO, 2014, p. 50). Por isso, mesmo havendo diversos modos de ser na realidade, ou seja, diversos entes, todos são sempre relativos à substância, ao ser<sup>16</sup> – entendido como perfeição que encerra todas as coisas do universo, pois estas são.

Com efeito, diz-se de algumas coisas que são porque são substâncias, outras porque são modificações da substância; outras porque constituem um processo para substância, ou destruições, ou privações, ou qualidades da substância, ou porque são produtivas ou geradoras da substância ou de termos relativos à substância, ou ainda negações de alguns desses termos ou da substância (assim, chegamos a dizer até que não ser é não ser). (*Met.* Γ I 1003b 6-11)<sup>17</sup>.

O ente entendido do primeiro modo, como afirmado por Aristóteles e também pelo Doutor Angélico<sup>18</sup> é aquilo que primeiro o intelecto concebe no processo de intelecção, pois comunica a essência da coisa. Já o ente entendido como verdade nas preposições, permite que se considere como ente aquilo que não pode ser considerado na primeira forma, como as privações e negações, apontando a ausência ou presença de um acidente. Neste caso, “seus sentidos são aqueles indicados pelas figuras de predicação, uma vez que o ser tem tantos sentidos quantas são as figuras” (*Met.* Δ VII 1017 a 24-26)<sup>19</sup>.

Antes de concluir o primeiro capítulo, Tomás de Aquino afirmou que o ente absoluto é aquele do qual se alcança primeiramente nas substâncias e sob certo aspecto nos acidentes. Assim também a essência se dá de modo mais próprio e verdadeiro nas substâncias e, sob um certo aspecto, (*secundum quid*) nos acidentes. No que diz respeito às substâncias, existem substâncias que são simples e outras que são compostas, mas nas primeiras a essência se dá na forma mais pura e nobre, já na segunda ela se apresenta mais acessível a todos, tendo forma e matéria<sup>20</sup>. “Mas, como as essências daquelas substâncias nos são mais ocultas, daí deveremos

<sup>15</sup> Cf. *Met.* Γ I 1003a. 30.

<sup>16</sup> “Pensando o ente, todo ente e o ente todo em seu fundamento, que é o ser, a metafísica pensa fundamentalmente o ser e o pensa como aquilo que, pondo-se, se opõe absolutamente ao não ser; pensa-o como a incontraditoriedade absoluta. Daí o significado de totalidade exposto nas fórmulas: tudo é ser e ser e tudo. Esse significado de totalidade pode ser explicitado, conotando-se sua infinidade, ilimitação, incondicionamento, absolutez, insuperabilidade e inultrapassabilidade, porque fora do ser resto só o não ser, que não é e não pode ser. Vê-se assim que o princípio de não contradição constitui a semantização originária do ser: do ser necessariamente não se pode dizer senão ser.” (MOLINARO, 2000, p. 9).

<sup>17</sup> ARISTÓTELES, 2012, p. 106.

<sup>18</sup> Cf. *De Ente et Essentia* §3.

<sup>19</sup> ARISTÓTELES, 2012, p. 143.

<sup>20</sup> Cf. *De Ente et Essentia* §8

começar pelas essências das substâncias compostas, a fim de que, principiando pelo mais fácil, processe-se um aprendizado mais adequado” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 21).

O ente está intimamente ligado à estrutura da realidade, pois a constitui através da sua existência e nas diferenças expressas nos acidentes, bem como é o primeiro a ser concebido pelo intelecto no processo de conhecimento, dado que a percepção sensorial é necessária para conhecer.

Toda ciência que é sobre várias coisas, que se dizem em relação a um primeiro, é própria e principalmente sobre esse primeiro, da qual as outras coisas dependem segundo o ser. E, por causa disso, são denominadas de acordo com esse nome, e isso onde há verdade. Ora, a substância é esse primeiro entre todos os entes. Logo, o filósofo que considera todos os entes, deve ter em sua consideração os princípios e as causas das substâncias. Logo, por consequência, sua consideração primeira e principalmente, é sobre as substâncias. (TOMÁS DE AQUINO. In *Met.* IV, lect. 1, n. 19)<sup>21</sup>.

Nesse processo de inteligibilidade iniciado no ente torna-se necessário conhecer às substâncias<sup>22</sup>, que são compostas ou simples, mas que sempre se referem à Substância Primeira - Deus. Portanto, quando se despreza o ente torna-se impossível qualquer tipo de conhecimento humano.

### 3 ESSÊNCIA COMO FINALIDADE E LIMITE DO CONHECIMENTO HUMANO

“Deve-se passar da significação de ente à significação de essência [...]” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 17). O caminho proposto no Opúsculo *De Ente et Essentia* segue o método da aprendizagem, pois deve-se começar pelo que é primeiro para nós, para chegar ao que é

<sup>21</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 340.

<sup>22</sup> Faz-se necessário um esclarecimento a respeito do conceito de substância, em geral é “a mesma coisa que ente, acentuando-se que se trata do ente primário e completo, ao qual necessariamente fazem referência todos os outros entes. Essa referência consiste no fato de que todos os outros entes são entes pela substância e na substância, e assim são correlativos à substância como seus acidentes. O conteúdo dessa correlação se exprime nas fórmulas: a substância é o ente cuja determinação é ser por si e em si; o acidente é o ente cuja determinação é o ser por outro e em outro, o qual é a substância. Essas determinações se dispõem no plano do ser do ente: se o ente, como tal, é por seu ser e em seu ser, segue-se que o ente que é primária e completamente é o ente por si e em si, à diferença do ente que é secundária e incompletamente, o qual, por isso, é por outro e em outro; esse ente é o acidente. Substância significa, portanto, o ente por si e em si, e sob esse aspecto designa a subsistência, a independência, a efetividade própria e autônoma, o ser sujeito ou substrato ou supósito (*hypokéimenon*), o singular que subsiste, o indivíduo (*tò de tí*), a pessoa. Esse significado, concernindo ao ser do ente, declara sua realidade, e por isso é designado com o nome de substância primeira” (MOLINARO, 2000, p. 119 – 120).

primeiro para a realidade, passando da significação do ente à essência<sup>23</sup>. Contemplar a essência, segundo Tomás de Aquino, é o objetivo da atividade intelectual do ser humano. O intelecto na sua operação apreende aquilo que é simples: as essências das coisas. Antes de compor e dividir a proposição, o intelecto é capaz da simples apreensão da essência das coisas, ora se é capaz de conhecer o que é simples, é capaz de conhecer parcialmente Deus.

Nas criaturas existem dois princípios fundamentais: o ser, que faz que todas elas sejam entes, e a essência, que determina o modo de ser de cada uma delas. Portanto, a essência é definida como *aquilo pelo qual uma coisa é o que é*. Como se viu tratar da substância e os acidentes, em sentido estrito a essência corresponde principalmente à substância. A essência indica o modo de ser concreto da substância ou dos acidentes; mas principalmente falando, corresponde só ao que é subsiste, ao que é em si (a substância), e é por isso que, estritamente, a essência faz referência à substância. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO, 2014, p. 116).

Tomás afirma que nem a forma nem matéria são essências sozinhas<sup>24</sup>, mas que “a essência é aquilo que é significado pela definição da coisa” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 22). A definição se faz pelo gênero próximo e diferença específica. Ex.: homem (espécie) é animal (gênero próximo) racional (diferença específica). Não se podem definir os gêneros supremos (substância, qualidade, quantidade, etc.) e nem os indivíduos. O indivíduo não pode ser definido como indivíduo, mas como espécie (Sócrates não pode ser definido como Sócrates, mas pode ser definido como homem). Ora, a definição das coisas não se dá somente pela forma ou pela matéria, visto que a primeira é o ato da matéria e a segunda é um acréscimo à essência, estando intimamente relacionada com os acidentes. No entanto a essência nos entes materiais se dá com a união de forma e a matéria, pois juntas são capazes de dizer sobre o que a coisa é.

A mútua relação entre matéria e forma como potência e ato explica que a essência dos entes corpóreos seja uma, ainda que composta de dois elementos. A união entre a potência e seu ato correspondente constitui uma *unidade metafísica*, mais íntima que as unidades de agregação compostas por um conjunto de entes que já são em ato e que guardam uma ordenação recíproca. (ALVIRA; CLAVELL; MELENDO 2014, p. 121).

A matéria é princípio de individualização, mas a matéria que individua não é qualquer matéria, é aquela que é assinalada, a qual é “considerada por determinadas dimensões”

<sup>23</sup> Para tanto, Tomás de Aquino esclarece que “[...] o nome de natureza tomada deste modo parece significar a essência da coisa na medida em que está ordenada à operação própria da coisa, uma vez que nenhuma coisa é destituída de operação própria. O nome *quiddidade* deriva, porém, disto que é significada pela definição; mas, é dita essência na medida em que, por ela e nela, o ente tem o ser” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 20).

<sup>24</sup> Cf. *De Ente et Essentia* § 11 – 12.

(TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 24). Para entender melhor como se dá essa relação, vale usar o exemplo que evidencia o uso dos artigos: Sócrates é um ser constituído de carne e de osso, enquanto o homem é o ser constituído de carne e de osso<sup>25</sup>. O gênero e a espécie também são definidos segundo a matéria assinalada e a não assinalada, pois a definição da espécie se dá pela matéria determinada por dimensões, já o gênero se define pela diferença a qual é tomada a forma. “Pois, se o animal não fosse tudo que é o homem, mas uma parte dele, não seria predicado dele, visto que nenhuma parte integral se predica do seu todo” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 25).

O corpo na sua concepção demonstra evidentemente essa diferença, pois “é denominado corpo, na medida em que está no gênero da substância [...]” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 25), podendo por sua natureza designar três dimensões, que são o próprio corpo<sup>26</sup>, haja vista que é parte integral e material do animal, pois este não será o que é sem o seu corpo. Deste modo, não é possível pensar a essência de homem, nem a essência de Sócrates sem a dimensão do corpo.

Assim, quando se dizia que “o corpo é o que tem tal forma, a partir da qual três dimensões podem ser designadas nele”, entendia-se qualquer forma que fosse, quer a alma, quer a petreidade, quer qualquer outra. Assim, a forma do animal está contida implicitamente na forma do corpo, na mesma medida em que corpo é seu gênero. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 26).

Com a definição de corpo o autor introduz o significado de gênero, o qual é perceptível pela forma do corpo, não sendo apenas matéria, mas uma matéria determinada. “Assim, portanto, o gênero significa indeterminadamente o todo que está na espécie, pois não significa apenas a matéria” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 26). Incorpora-se ao gênero tudo que provém dos sentidos e dos movimentos, os quais caracterizam os animais, que segundo Aristóteles têm na sua alma a predominância dos sentidos e do movimento, no caso dos seres humanos acrescenta-se a faculdade racional, o que permite compreendê-lo como *zoon logikon*.

No que concerne a compreensão dos entes, há também a diferença, que se dá no todo, aparentemente na espécie, porém não se limita a forma, mas designa uma forma determinada. Entretanto, é evidente que o gênero não prejudica a diferença, nem a confunde, a não ser que o sujeito seja predicado de afecção. Para tanto, Tomás explica que a diferença é:

---

<sup>25</sup> Cf. *De Ente et Essentia* §19

<sup>26</sup> “[...] as próprias três dimensões designadas são o corpo que está no gênero da quantidade” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 25).



[...] como uma certa denominação tomada da forma determinada, à sua parte de que a matéria determinada entre a sua intelecção primeira; como é claro quando se diz animado, isto é, aquilo que tem alma; pois, não se determina o que é, se corpo ou algo distinto. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 27).

Relaciona-se a esses dois conceitos anteriores a significação de espécie<sup>27</sup>, que também é chamada de definição, nela se assume a matéria determinada (gênero) e a forma pela qual se determina o nome da diferença designada (diferença). Da mesma maneira que existe um paralelo entre matéria, forma e composto; existe também em gênero, diferença e espécie, tendo em vista que estes não podem ser predicados uns dos outros. Ora, “nem o gênero é a matéria, mas tomada da matéria como significando o todo; nem a diferença é a forma, mas tomada da forma, como significando o todo” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 27).

Considerar esses termos e suas significações torna-se necessário para a compreensão da essência, pois ela é produção de duas intelecções anteriores, como por exemplo, o homem é animal e racional, sendo a primeira intelecção uma diferença que exprime a natureza, a partir do que é material, e a segunda intelecção remete a diferença racional que está na determinação da forma especial. Nesse duplo inteligir é possível encontrar a essência do homem, a qual se dá por esse processo cognoscível de percepção da realidade e suas atribuições, sendo elas a matéria e o gênero, a forma e a diferença, chegando a atribuição específica do ser. Essa noção precisa conter tudo aquilo que se predica o indivíduo, tendo presente todas atribuições na essência.

Ao conhecer os entes, é a sua essência a que permite agrupá-los em um gênero e uma espécie, uma vez que os entes se agrupam pelos modos de ser semelhantes. O cachorro, o gato, o tigre, etc., pertencem ao gênero “animal” porque suas essências determinam que todos tenham um grau de ser semelhante uma vez que todos são seres que vivem e são dotados de conhecimento sensível, apesar de suas particularidades próprias. (ALVIRA; CLARAVELL; MELENDO, 2014, p. 116).

Ainda levando em consideração o relacionamento de gênero, espécie ou diferença sendo sempre necessário partir do “todo”, seja conforme a noção própria ou relacionado ao ser das coisas individuais, percebe-se que o Doutor Angélico diz ser impossível atribuir a essência algo que não esteja nela. Por exemplo, dizer que a cor do homem faz parte da sua essência, logo isso será falso. Mas atribuir ao homem a animalidade e a racionalidade está correto, pois isto é o que forma sua essência.

---

<sup>27</sup> Cf. *De Ente et Essentia* § 24

Fica assim, portanto, claro que este nome homem e este nome humanidade significam a essência do homem, mas diversamente, como foi dito. Pois, este nome homem a significa como um todo, isto é, na medida em que não prescinde da designação da matéria, mas a contém implícita e indistintamente, como foi dito que o gênero contém a diferença; assim, este nome homem predica-se dos indivíduos. Mas, este nome humanidade a significa como parte, pois não contém na sua significação senão aquilo que pertence ao homem na medida em que é homem e prescinde de toda designação da matéria; daí que não predica-se dos indivíduos do homem. E, por causa disto, às vezes o nome essência encontra-se predicado da coisa; com efeito, dizemos que Sócrates é uma certa essência; e às vezes se nega, assim como dizemos que a essência de Sócrates não é Sócrates. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 30).

A espécie é predicada pelos acidentes, os quais devem estar em conformidade com seu ser (existência). A noção de espécie, por sua vez, está intimamente ligada a essência, pois todos os acidentes fazem referência à substância. Entretanto, pode subentender que a espécie contém uma noção de universal, porém a unidade e a comunidade não dependem da essência, mas da universalidade. Isso acontece porque

a noção de espécie advenha à natureza humana de acordo com aquele ser que tem no intelecto. De fato, a própria natureza humana tem no intelecto um ser abstraído de tudo que individua e, assim, tem uma noção uniforme para com todos os indivíduos que há fora da alma, na medida em que é igualmente semelhança de todos e leva ao conhecimento de todos na medida em que são homens. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 33)

A natureza<sup>28</sup> pode ser considerada de duas maneiras: em si mesma, considerando-a absoluta e tudo o que está fora dela é falso; mas que também pode ser observada como nos acidentes que referem-se a ela.

Fica, assim claro, como a essência ou natureza está para a noção de espécie; pois, a noção de espécie não é daquilo que lhe cabe de acordo com sua consideração absoluta, nem dos acidentes que a acompanham em conformidade com o ser que tem fora da alma, como a brancura e negrura, mas é dos acidentes que acompanham em conformidade como ser que tem no intelecto; e, deste modo, cabe-lhe também a noção de gênero ou diferença. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 35).

É perceptível, portanto, que todas essas noções, sejam de espécie e essência, gênero, diferença são produtos das operações do intelecto, que possui a capacidade de abstrair dos

---

<sup>28</sup> “Em sentido mais restrito, natureza indica a determinação que define um ente: natureza como essência. Fazendo ressoar o significado originário, essa determinação consiste, desde Aristóteles, no princípio intrínseco do movimento, isto é, do desenvolvimento, da realização e do modo unitário de agir e de comportar-se de um ente” (MOLINARO, 2000, p.89).

particulares aquilo que é universal. Somente o ser humano é capaz de realizar operações como essas, das quais ele consegue conhecer a realidade, por isso torna-se importante compreender o ente e a essência, pois são primordiais para a doutrina epistemológica de Tomás de Aquino.

#### 4 A VERTICALIDADE DO CONHECIMENTO E OS LIMITES

Tomás de Aquino, na obra *De Ente et Essencia*, constrói uma argumentação com o intuito de introduzir seus colegas à Filosofia Primeira, à metafísica, pela qual se conhece os fundamentos da realidade, como também às substâncias mais puras e divinas. Contudo, o método do Doutor Angélico é fenomenológico, começando sempre por aquilo que é manifesto na realidade, uma vez que é por ela que o ser humano conhece, tomando os sensíveis compostos (matéria e forma), visando atingir o que é simples (puro) e inteligível, assumindo um caminho vertical. Seguindo os passos de Aristóteles, sua epistemologia parte do sensível em direção ao inteligível, visando contemplar à substância mais simples e absoluta, causa de todas as outras: Deus.

Algumas das substâncias, porém são simples e algumas compostas e em ambas há essência, mas nas simples de um modo mais verdadeiro e nobre, de acordo com o que têm também um ser mais nobre; são, com efeito, causa das que são compostas, pelo menos a substância primeira e simples que é Deus. (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 20).

No que diz respeito à Deus, o filósofo medieval propõe uma relação de participação, que foi melhor desenvolvida na sua maturidade acadêmica, em que os seres possuem o seu ser, não em si mesmos, mas participando do ser de Deus, que tem existência e essência em si próprio.

O ato de ser de cada ente finito constitui uma autêntica participação, uma “réplica” real, do Ser infinito e subsistente que configura o Absoluto em sua mais radical entidade. [...] E efetivamente esse ato é uma participação do Ser de Deus: desde o ponto de vista dinâmico, uma vez que é causado pelo *Ipsum Esse*, que o cria e constantemente o conserva; e desde a perspectiva estativa enquanto semelhança debilitada de Deus, uma vez que o *actus essendi* representa o eixo ou a coluna vertebral da estrutura ontológica de toda realidade finita. (ALVIRA; CLARAVELL; MELENDO, 2014, p. 332).

Ora, se o homem tem a essência racional e é capaz de atingir a sabedoria, isso deve-se porque ele é criatura e participa na essência divina, a qual é pura sabedoria e inteligência em

ato, o que no homem é apenas em potência. Para que a potência de conhecer seja atualizada no homem, é preciso que o intelecto ativo retire dos entes as *species* que são introduzidas no intelecto passivo, onde acontece a operação do conhecimento. Tomás de Aquino, como Aristóteles, também valoriza a necessidade das experiências sensíveis, uma vez que o contato com as substâncias compostas inicia o caminho epistemológico do homem, que tem como fim atingir às substâncias mais simples. Por isso, o homem abstrai das substâncias compostas, que se manifestam e se apresentam por diversos acidentes, o universal que é produzido pelo intelecto em relação à essência.

O “[...] ente e a essência são o que é concebido primeiro pelo intelecto” (TOMÁS DE AQUINO, 2014, p. 17). Com essa afirmação, o autor não só expõe o caminho epistemológico a ser percorrido, mas afirma a importância do ente e da essência no processo de conhecimento, sendo eles início e fim da atividade intelectual dos seres humanos. Muitos até hoje encontram dificuldade de assimilar o significado desses dois termos, dado a complexibilidade dos conceitos, sobretudo por parte da essência, a qual inicialmente apresentou dificuldade em encontrar um termo que abarcasse toda sua definição<sup>29</sup>.

O caminho do conhecimento para Tomás inicia com o ente, ficando claro que

[...] na ordem do conhecer, a prioridade real do ser em relação às demais perfeições das coisas tem como consequência a primazia da noção do ente. Qualquer objeto que conhecemos, antes de nada *é*, e daí que nossa inteligência o conheça em primeiro lugar como *algo que é*, como ente. Por isso a noção de ente está incluída de maneira implícita em todos os demais conceitos intelectuais. Qualquer pessoa entende por árvore ou por cavalo coisas que são e que possuem o ser de um modo particular; quer dizer, conhece-os como entes que são segundo uma essência determinada. Assim, estão presentes de maneira indissociável em todos nossos conhecimentos intelectuais os elementos constitutivos do ente, que já explicamos. (ALVIRA; CLARAVELL; MELENDO, 2014, p. 47).

O ente tem grande papel na concepção da realidade, possui ordem ontológica, pois em si ele possibilita o contato com a essência e a existência. Como mencionado anteriormente, ele existe manifestando-se pelos acidentes, porém sempre fazendo referência a uma substância, da qual emanam todas as características específicas que constituem o seu *é*.

Conhecendo os entes, o homem também conhecerá a essência, aquilo pelo qual uma coisa é o que é. Com o primeiro momento de cognição, o processo abstrativo retira do ente os

---

<sup>29</sup> “Embora οὐσία tenha sido traduzido por *essentia* e por *substantia*, advertiu-se que esses termos não poderiam ser utilizados indistintamente. Etimologicamente *essentia* equivale a οὐσία. Mas, na medida em que Aristóteles deu a οὐσία significado primário de *substantia*, foi preciso utilizar *essentia* como tradução de τί ἦν ζῆναι” (MORA, 2001, p. 897).

atributos que fazem ele ser o que é, que o define<sup>30</sup>. Todo produto intelectual armazenado na memória é um aglomerado de essências, das quais fazem o homem reconhecer outros entes, através do gênero e da espécie, mesmo que possuam acidentes diferentes. Esse conhecimento não é somente assimilação e comparação, mas é interiorização de aspectos que correspondam a essência e a existência, as quais participam da Causa Criadora.

A essência também é limite do conhecimento humano, pois não é possível conhecer além dela, uma vez que ela é a estrutura pela qual se percebe *aquilo pelo qual uma coisa é o que é*. Entretanto, o ser humano não pode conhecer algumas essências, aquelas que são das substâncias simples, sobretudo a de Deus, pois:

é impossível que um intelecto criado, por suas faculdades naturais, veja a essência de Deus. Pois o conhecimento se dá quando o conhecido está em quem o conhece. Ora, o conhecido está em quem o conhece de acordo com o modo próprio deste. Por isso, o conhecimento de todo aquele que conhece é segundo o modo de sua natureza. Assim, se o modo de ser de alguma coisa conhecida ultrapassa o modo da natureza de quem conhece, o conhecimento dessa coisa estará sem dúvida acima da natureza daquele que conhece. [...] Assim, o intelecto criado não pode ver a Deus em sua essência, a não ser que Deus, por sua graça, se une ao intelecto criado como inteligível à ele. (*S. Th.*, I, q. 12, a. 4, res)<sup>31</sup>

Percebe-se, portanto, que existe um limite que se impõe ao conhecimento humano, o qual se instaura na essência divina, pois ela transcende toda capacidade racional e intelectual do homem. Ora, sendo assim, não há como, nesta vida, utilizar das faculdades naturais para ultrapassar as debilidades humanas e conhecer a essência de Deus, mas é possível que se contemple essa essência após a morte, na bem-aventurança<sup>32</sup>. “Se então o intelecto da criatura

<sup>30</sup> Cf. *De Ente et Essentia* § 72

<sup>31</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 264-265.

<sup>32</sup> “A última e perfeita bem-aventurança não pode estar senão na visão da essência divina. Para esclarecer isso, duas considerações são necessárias. A primeira, que o homem não é perfeitamente bem-aventurado quando ainda lhe fica algo para desejar e quererem. A segunda, que a perfeição de uma potência se considera segundo a razão de seu objeto. Como diz o livro III da Alma, o objeto do intelecto é *aquilo que é*, ou seja, a essência da coisa. Donde a perfeição do intelecto se mede pelo conhecimento da essência de uma coisa. Se, no entanto, o intelecto conhece a essência de um efeito, pela qual não pode ser conhecida a essência da causa, a saber *o que a causa é*, não se pode dizer que o intelecto conheceu absolutamente a causa, embora, pelo efeito, possa conhecer *que a causa existe*. Por isso, naturalmente permanece no homem, ao conhecer o efeito, o desejo de saber que este efeito tem uma causa e de saber o que é a causa. Esse desejo é de admiração e causa a inquirição, como diz o início do livro da *Metafísica*. Por exemplo, se alguém conhecendo o eclipse do sol considera que ele procede de alguma causa, admira-se dela porque não sabe o que é, e admirando investiga. E esta investigação não repousará até que conheça a essência da causa. Ora, se o intelecto humano, conhecendo a essência de algum efeito criado, não conhece de Deus senão se ele existe, sua perfeição ainda não atingiu absolutamente a causa primeira. Permanece ainda nele o desejo natural de investigar a causa. Por isso, ainda não é perfeitamente bem-aventurado, pois, para a perfeita bem-aventurança requer-se que o intelecto atinja a essência mesma da primeira causa. Assim sendo, terá a sua perfeição na união com Deus como seu objeto, e só nisto consiste a bem-aventurança do homem, como acima foi dito” (*S. Th.*, I – II, q. 3, a. 8).

racional não pode alcançar a causa primeira das coisas, deve-se conceder que os bem-aventurados veem a essência de Deus” (*S. Th.*, I, q. 12, a. 1, res)<sup>33</sup>.

A racionalidade humana é limitada, não é absoluta, não sendo capaz de conhecer todas as realidades em ato, sobretudo no que diz respeito a Deus, que só o podemos conhecer pela suas revelações e efeitos, como a criação, que é produto da comunicação da perfeição e da bondade divina. Entretanto, todo homem tende para um fim, a sua realização, a qual se dá pela total contemplação da grandeza de Deus, neste estado de bem-aventurança, assim compreendido por Tomás. No entanto, Aristóteles já havia mencionado a realização humana em uma divindade, a qual preencheria todas as lacunas e limitações humanas:

[...] por esse motivo poder-se-ia com justiça supor que sua aquisição está além da capacidade humana, visto que em muitos aspectos a natureza humana é escrava, como em que, como diz Simônides, ‘Somente a Divindade pode ter este privilégio’, devendo o homem apenas buscar o conhecimento que está ao seu alcance. [...] Ora, só existem duas maneiras nas quais a ciência pode ser divina. Uma ciência é divina se for caracteristicamente posse da Divindade, ou se disser respeito a assuntos divinos. E somente essa ciência preenche essas duas disposições, pois todos creem que a Divindade seja uma das causas e um tipo de princípio e que a Divindade é quem possui exclusiva ou principalmente esse tipo de conhecimento. (*Met.* A I 982 b 28 – 983 a 1-11)<sup>34</sup>.

A metafísica é o caminho pelo qual o homem deve elevar-se ao conhecimento das coisas divinas, começando pelos entes sensíveis, os quais são mais acessíveis à compreensão, para que abstraindo a essência, o homem seja conhecedor da realidade onde está inserido, a fim de que por meio dela possa se elevar à Causa Primeira da realidade, da qual todos os seres participam da sua existência.

O ser humano que faz metafísica aproxima-se de Deus e, nisso, Aristóteles situou a máxima felicidade do ser humano. Deus é bem-aventurado, conhecendo e contemplando a si mesmo; o homem é bem-aventurado, conhecendo e contemplando os princípios supremos das coisas, e, portanto, Deus *in primis et ante omnia*. Nesse conhecimento, o ser humano realiza perfeitamente sua natureza e a sua essência, que, justamente, consiste na inteligência e na razão. (REALE, 2001, p. 51).

Todo ser humano deve inclinar-se ao alto, para realizar sua vocação ontológica, que deseja possuir o conhecimento, o qual só está em plenitude em Deus, o fim para o qual tendem todas as coisas. Rejeitar a metafísica é fragmentar o saber, transformando-o em cacos, uma vez

<sup>33</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 259.

<sup>34</sup> ARISTÓTELES, 2012, p. 46.

que esta sublime ciência é a responsável por conceder unidade e coerência ao conhecimento humano. Muito mais que destruir o saber, a recusa desse saber é a negação da abertura ontológica que o seres humanos possuem em si mesmo de transcender-se, de conectar-se com o suprassensível. Mas, sobretudo, desprezar essa ciência é desprezar o conhecimento absoluto, “a verdade e a vida” (Jo 14, 6).

## 5 CONCLUSÃO

Ente e essência são estruturas que possibilitam a percepção dos limites e das condições nas quais se constroem o conhecimento humano. Desta maneira, torna-se possível entender melhor a capacidade cognitiva humana e seu alcance na inteligibilidade da realidade, a qual é transposta para o intelecto através da atividade do intelecto agente, que traduz em imagens as *species* captadas dos entes no intelecto possível, onde se produz o conhecimento. Nessa relação é possível, através das percepções e intelectões conceber a essência pela definição, que demonstra o que *aquilo pelo qual a coisa é o que é*.

A epistemologia de Tomás de Aquino segue um caminho vertical que vai do sensível ao inteligível, do composto ao simples, do ente à essência. A alma humana possui esse impulso ontológico ao saber, que deseja contemplar a perfeição das perfeições, o mais absoluto conhecimento, que é Deus.

Ente é o princípio e a essência o fim da atividade intelectual dos seres humanos, os quais limitam-se necessariamente a essas estruturas para produzirem o conhecimento. No entanto, não é possível conhecer todas as essências, haja vista que a essência divina escapa às faculdades naturais, por isso só pode ser contemplada em outra realidade, na bem-aventurança. Este conhecimento supera todo saber humano e sacia a sede ontológica de conhecimento, a ponto de uma mente sábia solicitar: “Nada mais que tu, Senhor!”.

Os seres humanos devem lutar contra o materialismo, consumismo, relativismo e cientificismo moderno que visa rechaçar e desprezar a abertura ontológica do homem para o transcendente, pois toda e qualquer tentativa de satisfação humana torna-se vazia e insuficiente para preencher àquele espaço que só pode ser ocupado por Deus. Os seres humanos devem abrir-se ao transcendente, para que se torne frutuosa sua experiência filosófica e humana.

A única ciência que é capaz de conduzir o ser humano à satisfação da sua vontade natural de conhecer é a metafísica, pois ocupa-se do ente enquanto ente, diferentemente das ciências particulares, que tomam apenas uma parte do ente para a consideração. A filosofia primeira é

capaz aproximar as criaturas de Deus, realizando-as existencialmente, a fim de que todas proclamem:

Ele é o guia da Sabedoria e o condutor dos sábios. Nós e nossas palavras estamos na mão dele, todo o nosso pensamento e talento. Foi ele que me deu o conhecimento exato sobre o que existe, a compreensão da estrutura do mundo e a propriedade dos elementos, o princípio, o fim e o meio dos tempos, a alternância dos solstícios e a mudança das estações, os ciclos do ano e a posição dos astros, a natureza dos animais e os instintos das feras, as forças e os espíritos e os pensamentos dos homens, a variedade das plantas e a propriedade das raízes. Conheci tudo o que está escondido e o que se poder ver, pois a Sabedoria, artífice de tudo, o ensinou a mim. (Sb 7,15-20).

## REFERÊNCIAS

ALVIRA, Tomás. CLAVELL, Luis. MELENDO, Tomás. **Metafísica**. Trad. Esteve Jaulent. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2014.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012. (Serie Clássicos Edipro).

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson (Coord.). São Paulo: Paulus, 2002.

MOLINARO, Aniceto. **Léxico de metafísica**. Trad. Benôni Lemos, Patrícia G. E. Colina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2000. (Filosofia)

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. Tomo II (E-J).

REALE, Giovanni. Ensaio Introdutório. *In*: ARISTÓTELES. **Metafísica** – Volume I: Ensaio introdutório. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

ROSSET, L.; FRANGIOTTI, R. **Metafísica Antiga e Medieval**. São Paulo: Paulus, 2012.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à Metafísica de Aristóteles I-IV**. Trad. Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide Editorial, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. 2. ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso)

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. 1. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. 2. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. v. 3. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2016.



*Recebido em: 30 abr. 2022*  
*Aprovado em: 07 jun. 2022*

